



CULTURA & LAZER

Sincronia une brasileiros e italianos

Exposição com obras de artistas geométricos abre hoje no MASP turnê que se estende por cidades do Brasil e da Europa

VANIA ALVES
Da Redação

As pinceladas rigorosas, quase matemáticas, de 10 pintores concretistas foram encarregadas de ligar Brasil e Itália. A exposição *Sincronias*, que será inaugurada hoje no Museu de Arte de São Paulo, reúne 30 trabalhos de cinco expoentes do Concretismo no Brasil — o andreeense Sacilotto (ver matéria abaixo), Nogueira Lima, Barsotti, Ianelli e Mendes de Souza — e cinco italianos — os veteranos Corpora e Strazza e os expoentes da nova geração Verna, Cunoldi e Asdrubali. Coordenada pelo artista italiano Salvatore Cinque para a Galeria La Seggiola, de Salerno, na Itália, a mostra fica em São Paulo até 2 de dezembro e segue em turnê pelo Brasil e Exterior. A intenção é promover o intercâmbio entre os artistas e o público dos dois países.

Na verdade, esse intercâmbio começou muito antes — na verdade, teve início já no nascimento brasileiro dessa escola, a qual prioriza a inserção de formas geométricas numa estrutura racionalmente calculada, em detrimento da arte mais tradicional que retrata figuras. Em 1946, quando o romano filho de mãe brasileira e pai italiano Waldemar

Cordeiro chegou ao Brasil, ele trazia a bagagem de pintor expressionista, de formação acadêmica, já minada por preocupações construtivistas. Aqui, Luiz Sacilotto, também expressionista, desenhista do escritório de Jacob Rutchi e um dos primeiros a explorar as estruturas construtivistas no Brasil, tomava contato com as formas limpas do holandês Mondrian, através de revistas americanas e começava a explorar as formas geométricas. Eles se conheceram em 47 e Cordeiro propôs um grupo com os artistas de tendência construtivista. Logo juntou-se a eles o pernambucano Nogueira Lima, 60 anos. O grupo viria a se chamar Ruptura e promover as exposições de 50 e 52, que inscreveram a arte abstrata no Brasil.

Além desses dois pioneiros, *Sincronias* vai mostrar o trabalho de Arcangelo Ianelli, 68 anos, responsável pela seleção dos brasileiros para este evento e que, como seus colegas, partiu do figurativismo, passou pelo abstracionismo geométrico e abandonou a linha para mergulhar em cores delicadas. O ciclo completa-se com Aldir Mendes de Souza, 49 anos — que das paisagens geometrizadas dos cafezais paulistas chegou à busca da cor —, e com o neo-concretista (movimento carioca dos anos 50)

Hercules Barsotti, 76 anos, que usa criteriosamente cores e formas.

Entre os italianos, o destaque é para Antonio Corpora, 81 anos, que chegou até a fazer arte engajada nos anos 40 e 50 e hoje mergulha na gestualidade com cores intensas. Em Guido Strazza, 68 anos, a geometria se dá em cores suaves. Cláudio Verna, 53 anos, Annibel Cunoldi, 40 anos e Gianni Asdrubali, 35 anos, mostram trabalhos derivados do movimento de 40, no qual Sacilotto vê "muito equilíbrio e qualidade".

Finda a exposição em São Paulo, que permanece até o dia 2 de dezembro, *Sincronias* vai para Brasília, Rio de Janeiro, Roma, Salerno e Palermo. A se confirmar, datas na França e no Museu Gulbenkian, em Lisboa. O catálogo da exposição traz reproduções das obras e textos críticos de Alberto Beuttenmuller (brasileiros) e Domenico Guzzi (italianos) e apresentação de Nicola Scontrino em português, inglês e italiano. A se lamentar as péssimas traduções e a profusão de erros de revisão.

SINCRONIAS — Exposição de 10 artistas geométricos brasileiros e italianos. De hoje a 2 de dezembro, MASP, Av. Paulista, 1578. Tel. 251-5644. De terça a sexta, das 13h às 17h, sábado e domingo, das 14h às 18h. Entrada franca.

Sacilotto defende Concretismo

Da Redação

O andreeense Luiz Sacilotto, 65 anos, abre o catálogo da exposição *Sincronias*. O motivo desta distinção é que ele foi um dos fundadores do Concretismo, ramo brasileiro do Construtivismo, a tendência internacional que está sendo abordada em *Sincronias*. Em entrevista exclusiva ao *Diário* ele falou do movimento, sua importância e projeções sobre a arte brasileira.

Diário — Ainda é possível falar em Concretismo hoje?

Sacilotto — Claro. Porque o Concretismo não é mais um ismo, uma novidade que passa. É essencialmente uma arte programável. Não tem tempo. Foi aberto um campo onde ele tem sido atuante. É uma estrutura não baseada em inspiração, mas em informação e raciocínio. Tem um esquema matemático, geométrico, não no sentido literal, mas sensível, que procura tornar a pintura lúdica. O Concretismo está em aberto, não encerrado.

Diário — Como se resolveu a polémica com os neo-concretistas cariocas?

Sacilotto — Isso foi uma tentativa dos cariocas de se diferenciarem, mas a arte que eles fazem é a mesma. A polémica foi invenção do Ferreira Gullar, que combatia o Waldemar Cordeiro, de São Paulo. Foi mais um jogo político, no sentido de conquista de posições que discussão sobre arte.

Diário — Como você vê o pós-expressionismo da nova geração paulista?

Sacilotto — A arte está sempre em dinâmica e é passível de releituras. Às vezes, um movimento não é reconhecido quando surge e esse manancial deve ser reintegrado. Por isso as releituras. Hoje em dia o panorama é muito vasto. Só mesmo a história dirá o que de fato tem valor na arte do século XX.

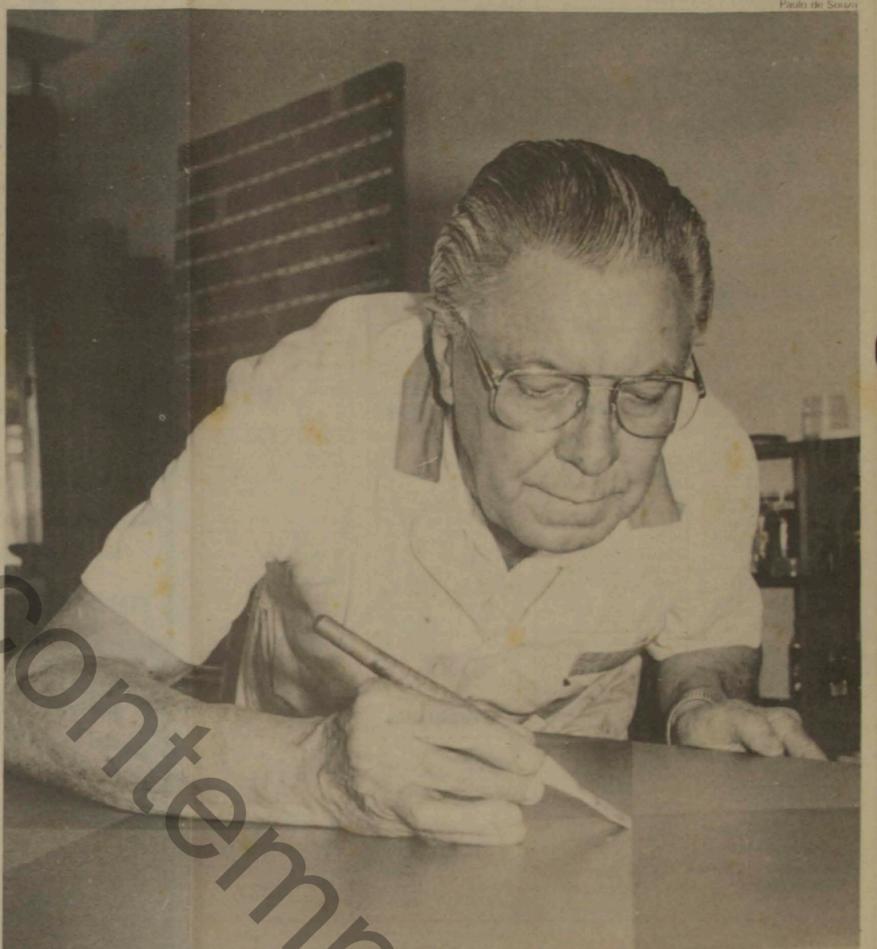
Diário — Qual a importância do Concretismo hoje?

Sacilotto — Enorme. A começar

pela diagramação dos jornais. Até a década de 40, as matérias eram dispostas de forma aleatória. Não havia essa ordenação visualmente agradável de hoje. Isso vem do construtivismo russo, traduzido pela escola alemã de artes Bauhaus. A moda também tem essa vontade de geometrizar, de racionalizar. O desenho industrial tem essa ideia de simplificar, a arquitetura modula. É o envolvimento com a visualidade da arte concreta.

Diário — Qual a importância de Waldemar Cordeiro na implantação do Concretismo no Brasil?

Sacilotto — Ele foi muito importante como crítico. Havia uma onda anti-arte não figurativa. Não só dos acadêmicos, mas até dos contemporâneos como Volpi, Reboló e Zanini. Uma atuação importante foi com o Sérgio Milliet, que combatia o abstracionismo e, mais tarde, chegou a escrever a apresentação de uma exposição nossa. Cordeiro foi muito importante para a cultura visual do Brasil (VA).



Sacilotto, ontem, no ateliê em Sto. André: pincelada matemática não mata sensibilidade